



Classica - Revista Brasileira de Estudos  
Clássicos

ISSN: 0103-4316

[revistaclassica@classica.org.br](mailto:revistaclassica@classica.org.br)

Sociedade Brasileira de Estudos  
Clássicos  
Brasil

Salvador, Evandro Luis  
REVISITANDO A TESE DO LETRAMENTO: HISTÓRIA E CONTRAPONTO  
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 27, núm. 2, 2014, pp. 11-30  
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos  
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770910002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## REVISITANDO A TESE DO LETRAMENTO: HISTÓRIA E CONTRAPONTOS<sup>1</sup>

Evandro Luis Salvador\*

1. Este artigo originou-se de parte de uma pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no Departamento de Linguística da Universidade Estadual Paulista-UNESP, campus de Araraquara.

\* Departamento de Linguística-Unesp/FCLar

**RESUMO:** a proposta deste artigo é trazer à tona os aspectos centrais da tese do letramento na Grécia antiga e fazer um contraponto a partir de dois artigos de Halverson. Para isso, fazemos um breve percurso histórico-literário com o intuito de configurar a condição que permitiu o surgimento de uma teoria sobre o letramento na Grécia antiga. Trazemos, então, os principais teóricos dessa tese, mostrando seus argumentos, para depois confrontá-la com um ferrenho adversário (Halverson), que não tem tido muito espaço de discussão nos mais recentes artigos e livros sobre as atividades de leitura e escrita na Grécia antiga.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oralidade; letramento; Havelock; Goody; Halverson.

## REVISITING THE LITERACY THESIS: HISTORY AND COUNTERPOINTS

**ABSTRACT:** This paper brings out key aspects of the literacy thesis in ancient Greece to offer a counterpoint based on two articles by Halverson. It first presents a historical-literary overview to highlight the condition that allowed the emergence of the literacy theory in ancient Greece. The main theoreticians of the thesis are reviewed to point out their arguments. Finally, such arguments are compared to the standpoint of Halverson, whose work has been disregarded in this discussion.

**KEY-WORDS:** Orality; literacy; Havelock; Goody; Halverson.

## 1. INTRODUÇÃO: ESBOÇO DE UM QUADRO HISTÓRICO

Pode parecer estranho para as sociedades ocidentais, imersas automaticamente e progressivamente num panorama de intenso letramento, discutir as aquisições da escrita e da leitura (não necessariamente nessa ordem) nas sociedades antigas, sobretudo a “sociedade grega”, que por muito tempo teve como meio único de veiculação da poesia a palavra falada e cantada, donde, por essa característica fundamental, chamamos de sociedades de cultura oral ou culturas ágrafas. O nosso letramento é tão intenso que não nos parece sensato pensar que outras sociedades tenham conseguido se desenvolver sem o mínimo contato com as atividades de escrita e leitura, em cujas dimensões depositamos nossos saberes e os saberes daqueles que nos sucederão.

No caso das culturas antigas e, mais especificamente, da cultura grega, sem com isso querer me enveredar para uma discussão ideológica de unidade política e educacional, por longo tempo o desenvolvimento social e educativo dessas civilizações esteve alicerçado na ausência completa de práticas modernas de letramento, o que significa dizer que prescindiam da escrita e da leitura. Mesmo aquelas sociedades que não tiveram uma descontinuidade abrupta a ponto de terem de pensar num recomeço, inclusive tendo de adotar um outro modelo alfabético, escrita e leitura sequer estavam em seu horizonte. No caso da Grécia, tivemos um “redescobrimento” até certo ponto, e é a partir dele que a tese do letramento surgiu e ganhou força. Necessitamos fazer uma breve digressão para contextualizar o porquê dessa discussão do letramento aplicada à Grécia antiga.

No século XIX, o alemão Heinrich Schliemann descobriu os sítios arqueológicos de Troia e Micenas usando como único “mapa” os poemas homéricos. Os dados arqueológicos coletados apontavam para uma conexão real entre vários aspectos contidos nas obras homéricas e o que os arqueólogos encontravam nesses sítios. Desde então, a partir dos achados arqueológicos de Micenas e também de outras cidades importantes, como Creta, Cnossos, Pilos, Atenas etc. e, com as intensas pesquisas que se seguiram,

um novo olhar foi direcionado para os gregos porque, até então, conhecia-se a história grega de Homero (século VIII a. C.) em diante.

Mas o século em que Homero<sup>2</sup> viveu diferia muito daquele mundo descrito em seus poemas. A civilização descrita nos poemas homéricos, que se convencionou chamar de micênica porque Micenas era o centro do poder, floresceu no século XVI e morreu no século XII.<sup>3</sup> A civilização micênica possuía uma escrita à mão silábica denominada Linear B, que foi usada apenas para registros da burocracia palaciana. Era, então, o primeiro sistema de escrita dos gregos.<sup>4</sup> Com as intensas invasões que se seguiram, não só no continente grego e em suas ilhas, como também no planalto da Anatólia, na Ásia, tudo foi destruído, devastado, queimado e uma época sombria se seguiu ao colapso dessa civilização.

Do século XI ao século IX nada temos de registro substancial porque aquela escrita palaciana, confiada a poucos serviços do rei, desapareceu juntamente com a civilização que a sustentava. Mas no século VIII, um novo alfabeto foi criado a partir da adaptação do alfabeto fenício, “mas seu uso espalhou-se apenas gradualmente. Aparentemente não era usado para funções públicas até meados do século VII”.<sup>5</sup> De acordo com Robb (1994: 21):

The history of Greek literacy commences with some scraps of alphabetic writing that are securely dated to no earlier than the eighth century before Christ. It culminates, or at least reaches a significant plateau, in mid-fourth-century Athens when the city's major cultural institutions, notably the courts and formal education, have grown dependent on alphabetic literacy for their daily functioning. At either end of the long chronological spectrum—a span of 400 years—the facts have now emerged into reasonably clear light.<sup>6</sup>

Portanto, pelo que foi dito nesse breve resumo, percebe-se que a escrita Linear B dos micênicos estava confinada a poucos e que houve uma brutal descontinuidade desse sistema porque já não era mais o mesmo alfabeto que apareceu no século VIII. Então, já naquela época, a única plataforma de expressão da língua era fundamentalmente

2. A questão da existência de um único poeta compositor dos dois maiores poemas épicos da literatura ocidental é controversa. A existência de Homero também é posta em dúvida. Para nossa pesquisa, essa discussão não é nem um pouco relevante. Sabe-se que até o século VI a. C. os poemas eram veiculados oralmente e somente naquele século foram confiados à escrita. Obviamente, seu registro escrito não foi súbito e célere.

3. As datações são sempre aproximadas porque nos faltam registros mais fidedignos. O recuo temporal é muito grande e isso dificulta datações exatas. Portanto, há sempre margens de erro sugeridas.

4. As tábuas da Linear B foram encontradas em vários centros dessa civilização no século XIX, mas foram decifradas primeiramente por M. Ventris em 1952.

5. Thomas (2005: 17).

6. “A história do letramento grego começa com alguns rascunhos de escrita alfabética que são seguramente datadas não antes do oitavo século antes de Cristo. Ele culmina, ou ao menos alcança um patamar significativo, na Atenas da metade do quarto século, quando as principais instituições culturais da cidade, notadamente os tribunais e a educação formal, tornaram-se dependentes do letramento alfabético para funcionarem diariamente. No fim de

um longo espectro  
cronológico – um arco de  
400 anos – os fatos  
surgem agora em uma  
razoável nitidez.” A  
tradução é nossa.

7. Thomas (2005: 3).

8. Havelock (1994: 295).

oral: ouvia-se e falava-se e nada mais do que isso. E toda poesia e/ou expressão cultural era transmitida pela palavra falada. Junte-se a isso o fato de que a escrita e a leitura se espalharam gradualmente (e não necessariamente caminharam conjuntamente desde o princípio) pela cultura grega até preponderarem na metade do quarto século antes de Cristo. Portanto, temos um lapso temporal de aproximadamente 400 anos em que a Grécia deixa de ser iletrada no sentido mais amplo da palavra e torna-se uma cultura apoiada nas palavras lidas e escritas.

Rosalind Thomas (2005), uma das grandes estudiosas do assunto, considera que “a Grécia era, em muitos aspectos, uma sociedade oral, na qual a palavra escrita vinha em segundo plano em relação à palavra falada. Ouvia-se e falava-se – em vez de escrever e ler – muito mais do que podemos imaginar”.<sup>7</sup> As práticas políticas nas assembleias e nos tribunais e os festivais culturais se apoiavam exclusivamente na palavra falada.

Entretanto, a ideia de que a plataforma escrita criou uma interface, uma espécie de zona cinzenta, com a plataforma oral, soa bastante instigante porque a passagem da oralidade para o letramento não é brusca e nem súbita. Os textos gregos dessa época podem fornecer indícios interessantes nesse sentido. É o que pensa, por exemplo, Havelock, quando diz que a tragédia grega do fim do século V a. C. e, sobretudo, a tragédia eurípidiana, era composta “num estado de tensão fisiológica contínua entre os modos de comunicação oral e escrito”.<sup>8</sup>

O forte intelectualismo presente nas obras de Eurípides é um aspecto que Havelock (1994: 297) levanta como um sintoma da “revolução silenciosa”, representada pela crescente influência da palavra escrita. O novo vocabulário empregado por Eurípides marcaria um novo estágio linguístico: a redefinição da palavra em termos abstratos, o que pressuporia um distanciamento entre língua e fala numa atividade em que a consciência se volta cada vez mais para o exame analítico da linguagem. E somente o registro escrito da língua propicia tal procedimento intelectual. Knox (1996: 371) caminha nesse mesmo sentido, embora não ateste formalmente seu alinhamento em relação à proposta de Havelock, argumentando que

Eurípides se apoiava no uso de verbos compostos à base de preposições,<sup>9</sup> pois a precisão que eles tinham permitia a Eurípides fazer distinções lógicas e diferenciações psicológicas sutis.

Essa é a tese central, ao que me parece, dos adeptos das modificações cognitivas empreendidas pela cultura da alfabetização progressiva e substitutiva da cultura oral nos séculos seguintes. Contudo, há poucos registros dessas atividades de letramento na Grécia antiga. Muitos argumentos foram aduzidos a partir da iconografia e de passagens de alguns dramas que faziam referência, em imagem ou não, de atividades relacionadas à leitura e escrita. Esses argumentos formaram um arcabouço teórico de caráter indutivo a partir de estudos sobre as comunidades ágrafas modernas que se tornaram progressivamente letradas após um processo contínuo de submissão aos paradigmas de letramento das sociedades letradas, ou seja, comunidades sem experiência de leitura e escrita tornaram-se letradas após a imersão nas práticas de letramento e os “avanços” observados no plano linguístico-cognitivo serviram como base teórica para se compreender não somente o processo do letramento em si mesmo, mas para recuá-lo e circunscrevê-lo às sociedades antigas, notadamente a Grécia.

9. Tais como ὑποτίθημι (sugiro), ἀνακλύπτω (revelo), μεταγράφω (reescrevo), ἐπιγᾶμέω (caso em segundas núpcias).

10. Texto editado por Herbert W. Smith de 1926, e extraído do site *Perseus Digital Library*. As citações seguintes foram extraídas do mesmo site

11. Todas as traduções são de minha autoria.

## 2. REFERÊNCIAS NOS DRAMAS

Na tragédia *As Suplicantes* (463 a. C.), de Ésquilo, aparece uma referência à escrita nos versos 946-7, quando o rei replica ao arauto que as leis da hospitalidade são amplamente conhecidas por difusão tradicionalmente oral, quer dizer, não necessitam de expressão formal, no caso, com o auxílio da escrita:

ταῦτ' οὐ πῖναξίν ἐστιν ἐγγεγραμμένα  
οὐδ' ἐν πτυχῇς βίβλων κατεσφραγισμένα<sup>10</sup>

Tais coisas não estão registradas em tabuinhas  
*nem confinadas aos rolos de papiro.*<sup>11</sup>

No *Hipólito* (428 a. C.), de Eurípides, aparece outra referência à escrita e envolve dois aspectos centrais do

letramento: a leitura e a escrita, pois Fedra havia deixado em registro escrito uma mensagem a Teseu que, evidentemente, detinha a capacidade de leitura. Há, portanto, uma espécie de alfabetização de ambos os personagens nesse contexto específico. Vejamos os versos 856-9:

12. Texto editado por  
David Kovacs.

13. Texto editado por  
Hall e Geldart de 1907.

τί δὴ ποθ' ἦδε δέλτος ἐκ φίλης χερὸς  
ἡρτημένη; θέλει τι σημῆναι νέον;  
ἀλλ' ἦ λέχους μοι καὶ τέκνων ἐπιστολὰς  
ἔγραψεν ἡ δύστηνος, ἐξαιτουμένη;<sup>12</sup>

O que significa esta tabuleta que na mão querida  
está aparecendo? Algo novo quer sinalizar?  
Mas será que sobre nosso casamento e sobre os filhos  
A infeliz, implorando, registrou uma mensagem?

Outro registro de uma atividade ligada ao letramento aparece na comédia *As Rãs* (405 a. C.), mas, desta vez, é a primeira referência a um leitor solitário, pois o deus Dioniso estivera lendo certa tragédia:

καὶ δητ' ἐπὶ τῆς νεῶς ἀναγιγνώσκοντί μοι  
τὴν Ἀνδρομέδαν πρὸς ἑμαυτὸν (...) <sup>13</sup>

E, então, sobre a nau, enquanto estava lendo  
*A Andrômeda para mim mesmo* (...)

Esses são alguns exemplos extraídos de um gênero específico da literatura grega que nos permite entender que havia um percurso prático de leitura e escrita mais ou menos consolidado. Se analisarmos linearmente o registro dessas ações que envolvem alguma forma de letramento, quer de leitura, quer de escrita, veremos uma evolução nas práticas de letramento.

Na tragédia de Ésquilo, datada de 463 a. C., a menção ao registro escrito feito em determinados materiais nos permite entender que tal prática existia, mas as leis tradicionais, sobretudo as religiosas, não precisavam de registro escrito por estarem fixadas na memória coletiva. Na tragédia de Eurípides, de 428 a. C., a prática de letramento contempla seus dois principais pilares, a escrita e a leitura, e temos uma espécie de comunidade letrada:

Fedra detém o domínio da escrita e Teseu é proficiente na leitura. Um estágio mais avançado de letramento é registrado no drama de Aristófanes, de 405 a. C.: a leitura solitária pressupõe uma prática bastante profunda e arraigada de letramento. No entanto, poderíamos perguntar se Dioniso estava lendo a *Andrômeda*, de Eurípides, em voz alta ou se praticava a leitura silenciosa.<sup>14</sup>

Quando esse processo começou ou que tipo de público teve acesso a ele não sabemos precisamente. Mas, considerando, pelas citações, que estava havendo uma evolução das práticas de leitura e escrita, que a plataforma de expressão da língua escrita conviveu durante algum tempo com a plataforma de expressão oral, criando uma interface ou zona cinzenta, até superá-la e tornar-se dominante, então, propõe Havelock, “com certeza devem achar-se nos textos das peças que nos restam provas que convenham a essa hipótese e a fundamentem”.<sup>15</sup>

### 3. A TESE DO LETRAMENTO: HISTÓRIA E IMPLICAÇÕES

A *literacy thesis* “surge” em 1963<sup>16</sup> com *Preface to Plato*, de E. Havelock, e com o artigo “The consequences of literacy”, de J. Goody e I. Watt. Ambas as publicações tentam demonstrar, ou melhor, advogar a tese da transformação mental ou dos efeitos cognitivos empreendidos pela alfabetização massiva nos séculos V e IV a. C. A importação do alfabeto fenício transformado em alfabeto silábico pelos gregos no século VIII a. C. e seu uso paulatino está no centro do que os autores mencionados chamam de um novo tipo de consciência. Para eles, a cultura oral representada por Homero e Hesíodo foi absolutamente ultrapassada e substituída, em três séculos ou mais, pelo pensamento lógico-analítico da linguagem (verificado na aparição de silogismos, operações formais da linguagem, processos psicologizantes mais elevados etc.). No centro dessa mudança estão as atividades de escrita e leitura, quer dizer, ler e escrever passaram a substituir o ouvir e essas operações da língua pressupunham mudanças acústicas e cognitivas. Paulatinamente, diga-se de passagem.

14. Esse é o tema da obra *Phrasikleia* de Svenbro (1993). Enquanto Havelock concentra-se na aquisição da escrita na Grécia antiga, Svenbro lança luz à atividade de leitura que, segundo ele, é governada por um tipo de tensão violenta entre o escritor ausente e o leitor momentâneo. A passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa pressupõe um tipo de violência cognitiva porque escritor e leitor estão em planos distintos e a introjeção do “eu” do escritor para o “eu” do leitor não se fez sem algum desconforto até à sua natural consolidação. Svenbro recupera, em parte, um artigo de Knox (1968) sobre a atividade de leitura na antiguidade.

15. Havelock (1994: 279).

16. A proximidade das publicações da obra de McLuhan (*Gutenberg Galaxy*, de 1962) e da obra de Havelock (*Preface to Plato*, de 1963) estimulam uma leitura conjunta por apresentarem muitos pontos de contato, principalmente a respeito dos efeitos da escrita fonética no âmbito cerebral, o que sem dúvida contribuiu para postular a teoria do “avanço” cognitivo relacionado à imersão no letramento progressivo. McLuhan se apoia numa série de estudos para, dentre outros aspectos, sublinhar a oposição entre o mundo mágico da audição e o mundo neutro da visão. Sobre a invenção da tecnologia de escrita fonética, ele diz o seguinte: “Se se introduz uma tecnologia



numa cultura, venha ela de fora, ou de dentro, isto é, seja ela adotada, ou inventada pela própria cultura, e se essa tecnologia der novo acento ou ascendência a um ou outro de nossos sentidos, altera-se a relação mútua entre todos eles. Não mais nos sentimos os mesmos, nem nossa vista e ouvido e demais sentidos permanecem os mesmos” (1972: 40). A relação próxima das ideias de McLuhan e Havelock é notada por Vieira (1992: 168). Por sua vez, a obra de McLuhan está na esteira da obra *The Singer of Tales* (1960), de Albert Lord, colaborador e continuador dos estudos iniciados por Milman Parry após sua morte. Percebe-se que há uma importante rede de conhecimento em torno do tema “oralidade e letramento” que vem sendo desenvolvida desde o início do século passado, pelo menos. Robb (1994: 3) recua ainda mais no tempo e sustenta que a dimensão oral da mentalidade grega antiga encontra seu fundador em Jevons (1886).

Vale lembrar que, por não termos tido, até então, evidências concretas, provas materiais de um letramento referente ao período clássico, a não ser testemunhos diretos e/ou indiretos de fontes literárias, as suposições aplicadas nesse período histórico relativamente remoto vieram de pesquisas acerca das atividades de letramento em sociedades orais recentes. Então, as mudanças cognitivas que essas sociedades orais obtiveram com a introdução de um letramento sistemático animaram os pesquisadores da tese do letramento para aplicá-la nas sociedades mais antigas por analogia, ou seja, não são provas materiais irrefutáveis.

Na cultura oral, a transmissão de um material poético se realiza pelo envolvimento de uma série de movimentos físico-acústicos. O instrumento musical que o acompanha deveria servir para acentuar ou acomodar grupos silábicos. E a música, em tese, conservaria os enunciados em unidades rítmicas regulares, facilitando o estoque mnemônico dos saberes culturais. Então é uma cultura fundamentada na memória e na transmissão oral da literatura.

Na cultura letrada, a palavra escrita ganha um novo campo visual e cognitivo. O registro de uma palavra permite que ela se redefina conceitual e acusticamente. A língua escrita permitiria que a linguagem, como um todo, percorresse caminhos até então desconhecidos. Essa nova experiência com a linguagem teria forçado o surgimento de uma nova mentalidade para alojar os avanços linguísticos. O registro escrito obedece a regras específicas, diferentemente do que ocorre na composição oral. A redação em prosa exige outro tipo de organização e, por isso, uma nova forma de pensamento. A organização do discurso escrito pressupõe uma análise mais séria, trabalha em níveis conceituais e abstratos, tem um vocabulário próprio, opõe termo a termo, distribui conceitos, permite a revisão etc.

Essa tese do letramento surgida em 1963 ganhou inúmeros adeptos e estudiosos de seus efeitos cognitivos nos séculos derradeiros da cultura helênica. Goody e Havelock influenciaram W. Ong, que escreveu *Orality and Literacy* (1982), Harvey Graff, que escreveu *The Labyrinths of Literacy* (1986) e *The Legacies of Literacy* (1987), Tony Lentz, que escreveu *Orality and Literacy in Hellenic Greece* (1989), Rosalind Thomas, que escreveu *Oral Tradition and Written*

*Record in Classical Athens* (1989), Svenbro, que escreveu *Phrasikleia* (1993), dentre outros autores, que escreveram artigos pontuais, como Bernard Knox (1968), David Olson (1986, 1989) e Werner Kelber (1983).

No entanto, muitos desses autores se preocuparam mais em determinar os limites temporais do fenômeno do letramento do que a ideia central da tese do letramento: que a cultura oral, representada, sobretudo, por Homero, teve certas características cognitivas específicas que foram não só substituídas, mas solapadas pelo letramento alfabético, que transformou aquela antiga cultura em uma cultura caracterizada por novos modos de pensamento e inteligência, tais como a abstração, os silogismos e os enunciados propositivos. Evidentemente, esses aspectos linguísticos são encontrados, sobretudo, nas disciplinas científicas e na filosofia grega.

Acontece que, em 1992, John Halverson empreendeu uma verdadeira tentativa de implodir esse sistema teórico por completo. Em apenas dois artigos, ele recupera as teses de Havelock e Goody e mostra as deficiências dos respectivos trabalhos no que toca à natureza da cultura oral e os efeitos transformativos do letramento alfabético. Para o professor da Universidade da Califórnia, essa tese nada mais é do que “*trust*”, ou seja, uma crença. Neste ponto a crítica de Halverson causa um desconforto intelectual, se o vocábulo tiver o sentido religioso que o contorna, porque desmerece um empreendimento teórico original e sério ao lançar toda a produção acadêmica de importantes estudiosos no âmbito da fé, como se destituída de bases sólidas e se configurasse apenas e tão-somente como um modelo assentado em base religiosa, criador de uma poderosa rede de confrades a defender as mudanças provocadas na antiguidade grega pelo avanço das práticas letradas. Halverson sabe que não se trata disso e a forma virulenta com que combate algumas ideias demonstra que o tema é de extrema relevância, pois ele não teria ocupado um espaço nos meios acadêmico-científicos se se tratasse de um empreendimento teórico frágil em seus fundamentos. Então, para ficar nessa seara religiosa, diria que Halverson peca em sua generalização. Vou me reportar apenas a alguns tópicos de contestação que recaem sobre os mais proeminentes expoentes da tese do letramento e, para

isso, recorrerei a exposições bem sumárias dos argumentos dos defensores daquela tese. Na medida do possível, tentaremos contribuir, de alguma forma, com o debate.

Para Havelock, as sociedades não-letradas, ou seja, de cultura ágrafa, vêem a literatura oral como uma forma de preservar o conhecimento coletivo de uma comunidade e transmiti-lo de geração em geração única e exclusivamente através da tecnologia de comunicação verbal. Então, para essas sociedades, a função é preservar o que foi criado e os poemas homéricos são um exemplo basilar desse sistema de preservação. O que importa é que o dado está lá e ele precisa ser preservado para ser transmitido adiante. Um desdobramento dessa visão é que para se ensinar essa tradição literária composta de conhecimentos éticos, culturais, religiosos etc. e, além disso, para que essa tradição literária tenha sucesso ao longo das gerações, é necessário o suporte de um veículo de expressão que acomode todo esse conteúdo memorizável. Temos, então, os enunciados poéticos, fundamentados na métrica e no ritmo, através do hexâmetro dactílico, das fórmulas, dos nome-epítetos, da predominância de verbos de ação e de nomes concretos. A obra de Homero, de acordo com Havelock, assenta-se na sintaxe performativa. Além dos nomes-epítetos, há a predominância de fórmulas: grupo de palavras que são empregadas com certa frequência, localizado num segmento específico do hexâmetro e portador de um significado determinado.<sup>17</sup>

Os poemas homéricos repetem frequentemente epítetos e até versos inteiros porque eram obra de improvisação oral, que necessariamente tem de ter pontos de apoio e frases armazenadas, proporcionando ao aedo uma margem de tempo segura para compor o verso seguinte enquanto um verso é cantado. Essa é a tese de Milman Parry, que estudou a poesia dos bardos iugoslavos para aplicá-la na poesia homérica. Havelock adota tal ideia, mas difere dela no seguinte ponto: improvisação. Enquanto que para Parry a obra de Homero é o resultado de improvisações do poeta, para Havelock a obra é resultado da memorização das fórmulas que ajudariam a compor e a formatar o poema de modo que, repetido e aprimorado, constituíram-se num todo acabado tal como nós o conhecemos.

17. Em 1928, M. Parry publicou a tese *L'épithète traditionnelle dans Homère* e, nos primeiros anos da década de 30, ele deu

seqüência àquela tese defendida na França, estudando a poesia dos bardos iugoslavos e extraindo desse sistema os princípios de composição que também são encontrados na poesia de Homero. A originalidade de sua análise acerca do método de composição dos poemas homéricos lançou um novo olhar sobre a poesia épica grega.

A obra *The making of homeric verse* (1971), edita por seu filho Adam Parry, reúne artigos que exploram os vários aspectos da composição homérica. Para um recorte temático específico (epítetos e fórmulas), ver Pereira (1984) e Vieira (1992).

O primeiro pólo da teoria do letramento formulada por Havelock passa, então, pela compreensão do significado do gênero épico. Halverson, contudo, vai atacar sistematicamente esta concepção Havelockiana da “mentalidade oral”. Em primeiro lugar, escreve ele, “there is a paradox, which Havelock clearly understands and acknowledges, in fact that the epics we know are literary texts”<sup>18</sup> (1992: 152). Halverson (1992: 152) indaga, em segundo lugar: “How can we possibly know that Homer’s vision included ‘total acceptance of the mores of society’ he described or that he ‘profoundly accepts this society, not by personal choice but because of his functional role as its recorder and preserver’?”<sup>19</sup> Para ele, tudo está envolto numa aura de incertezas de modo que toda essa teoria não passa de inferência pura: não sabemos quem foi Homero ou o que ele fez e por quê. Além do mais, conhecemos Homero já em sua forma literária, ou seja, registrada pela escrita. Nesse ponto tendo a concordar com Halverson, pois o conceito de autoria na literatura antiga é bastante caro. Sabemos que o processo de transmissão dos textos antigos até chegarem ao seu consumidor final passou por uma série de problemas e um deles é bastante crítico: o filtro. Muito do que se sabe a respeito do que se convencionou denominar filósofos pré-socráticos vem da doxografia. Os textos trágicos comumente apresentam divergências de lições e interpolações. Há um tipo de “contaminação” que não nos habilita a cravar um domínio do autor sobre a sua suposta obra. E a obra de Homero é um exemplo disso: discute-se se ela é a criação de um único autor ou se foi composta pelo trabalho de múltiplos aedos. Isso não tira a beleza e magnitude da obra, mas fortalece as ressalvas quanto à aplicação de alguns aspectos da tese do letramento no caso de textos cujas noções de unidade e autoria são inconsistentes e precárias.

Para Havelock, o advento da escrita ou do letramento alfabético mudaria completamente o sistema da cultura oral. A sintaxe performativa, baseada em princípios acústicos, é abandonada porque o estoque de informações pode ser registrado de modo que não é necessário mais um trabalho de memorização, libertando a linguagem para caminhar em outras direções, particularmente na elaboração de uma

18. Halverson (1992: 152). “Há um paradoxo que Havelock claramente compreende e reconhece no fato de que os épicos que nós conhecemos são textos literários”. A tradução é nossa.

19. “Como é possível sabermos que a visão de Homero incluía a aceitação total dos costumes da sociedade que ele descrevia ou que ele profundamente aceita essa sociedade não por escolha pessoal, mas por causa de seu papel funcional enquanto registrador e preservador?” A tradução é nossa.

20. Remeto à leitura do capítulo VII (Do mito à razão) do livro *Mito e Pensamento entre os gregos*, de J.-P. Vernant (1973).

21. Halverson (1992:160). “Se a análise de Havelock da ‘oralidade primária’ não convence e se a literatura oral nem teve a função ou a forma que ele a atribui, ele não é mais convincente em sua explicação da grande transformação do pensamento que ocorreu na Grécia clássica”. A tradução é nossa.

sintaxe propositiva, apoiada na substantivação de participípios.<sup>20</sup>

O mero registro escrito de um texto permite ao leitor refletir sobre a maneira como ele foi organizado. Desse modo, o leitor pode dividir o que está escrito em categorias, tópicos, analisá-lo mentalmente e sistematizá-lo logicamente. O discurso lógico exige, através da escrita e leitura, um vocabulário que seja, ao mesmo tempo, claro e seguro; a escrita exige que o emprego das palavras seja bem definido, assim como seu significado. Parte-se, assim, do princípio de que as palavras são o instrumento do pensamento e de que o pensamento se exerce sobre as coisas por mais distantes, abstratas e complexas que elas sejam. Num ambiente oral ou sob condições acústicas (metro e ritmo e música e performance etc.) esse procedimento torna-se inviável.

A literatura ou cultura oral, mítica, por sua forma métrica, rítmica e musical provoca na audiência um processo de comunhão e encantamento estético que operam em outro nível cognitivo dado seu veículo próprio de expressão: a palavra alada e a música. A passagem do discurso mítico para o discurso lógico, de acordo com Havelock, representou uma revolução psicológica, cognitiva e epistemológica muito sentida na cultura grega dos fins do século V a. C. em diante. A nova prosa representa, então, um novo estágio de evolução mental como produto do letramento alfabético.

Para Halverson, a análise de Havelock tem problemas estruturais graves:

if Havelock's analysis of 'primary orality' is unconvincing and if oral literature had neither the function nor the form he attributes to it, he is no more convincing in his account of the great transformation of thought that took place in classical Greece.<sup>21</sup>

O problema de Havelock, segundo Halverson, é querer fazer derivar todo um sistema de pensamento abstrato, analítico e silogístico exclusivamente a partir do advento da linguagem escrita, como se ela, por si só, tivesse criado esse sistema de pensamento. Em outras palavras: a abstração é domínio exclusivo da escrita.

Nessa perspectiva, posso acrescentar aos argumentos de Halverson uma passagem do canto VI (vv. 139-149) da *Odisseia* de Homero, que narra o momento em que Odisseu, após chegar à terra dos Feácios, exaurido por uma viagem marítima extremamente atribulada, estando sujo de salsugem, areia e nu, porque perdera as vestes, encontra-se com a bela filha do rei Alcínoo. A situação do herói é lastimável e ele precisa urgentemente de auxílio para resolver sua situação de penúria imediata e conseguir um meio de voltar para casa.

Ao chegar o momento de se aproximar da donzela, ele delibera consigo mesmo se faria o gesto concreto de suplicação, abraçando-lhe os joelhos, ou se se manteria à distância para não melindrar e afugentar a moça, mas fazendo uma menção à suplicação. E ele opta pela segunda alternativa, ou seja, ele rompe a concretude do vocabulário homérico porque o ato de suplicar acompanha gestos específicos.<sup>22</sup> E Nausícaa, a bela filha do rei, compreende o gesto abstrato de Odisseu, quer dizer, ela partilha de um conhecimento do significado daquilo que não é concreto e, portanto, abstrato. Trata-se do mesmo idioma transmitindo uma mensagem de modo diferente. E então ela acede ao pedido do herói. Portanto, estamos falando da épica, de uma cultura não letrada, em que concreto e abstrato estão embutidos no mesmo idioma. Portanto, não se trata de dar razão a Halverson apenas, mas de levantar um problema sério quando se tenta segmentar dois contextos como se fossem inconciliáveis.

Além de ser uma assombrosa falácia, continua Halverson, a idéia de que o letramento tenha significado uma inconteste mudança no plano mental ao permitir que o leitor se voltasse analiticamente para o registro de algo escrito é uma falsa conclusão, pois:

(...) it is quite possible to reflect in the same way on a oral presentation – to mull it over, organizing or reorganizing it in memory, asking ourselves what the speaker was getting at, and topicalizing our answers. It is not only possible but an ordinary fact of auditory life when we think over a conversation, speech or lecture we have heard<sup>23</sup>

22 Oliveira (2006: 66-7).

23. Halverson (1992: 160). “É completamente possível refletir do mesmo modo em uma apresentação oral – ponderar, organizar e reorganizá-la na memória, nos perguntando o que o orador estava querendo e organizando em tópicos as nossas respostas. Isso não somente é possível mas uma ocorrência habitual na vida de ouvinte, quando nós refletimos sobre uma conversa, discurso ou conferência que nós ouvimos”. A tradução é nossa.

24. A remissão ao capítulo VII (Do mito à razão) do livro de Vernant é novamente oportuna, pois ele traz as contribuições de Cornford (*From religion to philosophy* e *Principiu Sapientiae: the origins of greek philosophical thought*) acerca do desenvolvimento de um pensamento abstrato e positivo na Grécia antiga a partir de uma estrutura mítica.

Da mesma forma, a sintaxe proposicional, típica da prosa, também tem seu embrião na sintaxe performativa de Homero, donde se segue que se a prosa encontrou seu caminho dentro de um sistema de escrita é bem plausível que ela tenha derivado de uma reflexão e aprimoramento de um discurso poético, nomeadamente Homero e sua épica, na medida em que não se trata de desconstrução, mas aprimoramento e evolução.<sup>24</sup> Os mecanismos são diferentes por causa da essência peculiar a cada meio de expressão da linguagem, mas para que haja uma transição é necessário que alguns elementos sejam coincidentes em alguns aspectos. Do contrário, teríamos uma interrupção brutal.

Halverson, em outro artigo, ataca sistematicamente os argumentos e concepções de Goody que, por sua vez, partilha de muitos argumentos e concepções de Havelock. Ambos, de forma independente ou não, lançaram as bases da *literacy thesis*. A diferença entre ambos, de acordo com Halverson, é que Havelock é dogmático porque não altera seus argumentos em hipótese alguma e vê o letramento como causa determinante dos novos processos e operações cognitivas enquanto Goody, por ser mais receptivo às críticas, revê e reformula suas teorias, e, ao invés de ver o letramento como causa de um novo modo de pensar, ele utiliza termos mais cautelosos.

Os principais argumentos extraídos de Goody & Watt (1963) são os seguintes: nas sociedades ágrafas, ou seja, dependentes exclusivamente de uma cultura oralizante, o conhecimento é mantido, é armazenado, é estabilizado internamente, de modo que pouca coisa está sujeita à modificação e revisão, enquanto que nas sociedades letradas o registro escrito favorece permanentemente o processo de revisão e, daí, o processo de inquirição do conhecimento produzido e registrado. Havelock (1994: 277-8) tem essa mesma impressão quanto ao drama:

A assistência a que os dramas se dirigiam, e que correspondiam ao povo em geral, estava a tornar-se crescentemente letrada, com o passar do século. A comunicação importante podia ser congelada na escrita, lida, relida e evocada, em vez de plantar-se na memória oral. Pela lógica desse avanço, o que se pode chamar de oralidade da tragédia grega estava destinada a sofrer erosão. O propósito didático central havia de enfraquecer-se, na medida em que a

cultura vinha cada vez mais a apoiar-se em formas escritas de comunicação estocada, disponível para reutilização.

Assim, aqueles que dominavam a atividade de escrita se voltavam para um exame do que até então se configurou como uma enciclopédia de conhecimento cultural e, com isso, aplicaram um manejo próprio em relação à tradição de modo a expressar posicionamentos particulares. Nessa esteira, não somente há interpretações e invenções, mas surge certo ceticismo quanto ao que se produziu, a ponto de se desaprovar o passado tradicional construído por Homero e Hesíodo. Essa inquirição exige procedimentos formais e lógicos que só são possíveis utilizando termos abstratos que, por sua vez, foram forjados num ambiente de intenso letramento, ou seja, esses novos processos formais do pensamento lógico dependem, exclusivamente, da atividade de escrita.

Sobre o ceticismo, a inquirição e, de certa forma, a negação do que veio antes, sobretudo quando se trata do que fora fornecido pela transmissão oral, Halverson lembra que

(...) Herodotus and Thucydides found nothing to object to in Homer. Thucydides suspected that Homer might have exaggerated sometimes just because he was a poet (I.10), but both historians accept Homer's account of the Trojan War as basically factual. Their scepticism, which was considerable, was reserved mainly for their oral sources. And it was oral sources that provided the great bulk of the material they recorded; they made little attempt to study documents even when these were available. But the historical subject for both writers was events of the recent past, which for the most part had not been recorded in writing anyway. It is, therefore, quite clear that the historical inquiries of Herodotus and Thucydides did not depend on, or arise in response to, permanent written records, nor was their scepticism a result of analyzing documents.<sup>25</sup>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese do letramento postula que há condições específicas das atividades intelectivas e cognitivas que dependeram da aquisição de uma cultura letrada e não importa se a leitura veio antes da escrita ou vice-versa. O

25. Halverson (1992: 303). “Heródoto e Tucídides não encontraram nenhuma objeção em relação a Homero. Tucídides suspeitava que Homero poderia ter exagerado em algumas ocasiões precisamente por ser um poeta, mas os dois historiadores aceitam as explicações de Homero sobre a guerra de Troia como basicamente factual. O ceticismo deles, que era considerável, estava circunscrito principalmente às suas fontes orais. E eram tais fontes orais que forneciam o grande volume de material que eles registravam. E eles fizeram poucas tentativas de estudar documentos mesmo quando estes estavam disponíveis. Mas o tema histórico de ambos os escritores era eventos de um passado recente que, em grande parte, não foram registrados pela escrita de maneira alguma. Portanto, está bastante claro que a inquirição histórica de Heródoto e Tucídides não dependeram ou surgiram como respostas a registros escritos permanentes nem o ceticismo deles era fruto de uma análise de documentos”. A tradução é nossa.



argumento central é que a escrita proporcionada pela aquisição do letramento alfabético impulsionou certas atividades racionais através do escrutínio, exame, inquirição, análise de um texto escrito, pois uma vez liberto da condição do *memory storage* (estoque de memória, digamos assim), podia-se “estudar” um texto estático, abrindo uma larga via por onde as abstrações, as generalizações, os silogismos, as **detecções de contradições e incongruências**<sup>26</sup> etc. passariam a ser atividades frequentes.

26. Grifo nosso.

27. “Não está claro, então, que a percepção de anomalias no discurso é significativamente aprimorada pela escrita – embora a sua verificação o seja indubitavelmente. Nem é evidente que os processos de formalização são estratégias relevantes em qualquer modo. Ou que comparações são formalmente distintas. Mais uma vez: processos e métodos cognitivos não parecem ser afetados pela escrita”. A tradução é nossa.

Parece, então, que temos uma etiologia das inconsistências do discurso – a sua forma escrita – que só aparecem nas sociedades letradas, como se um discurso oral não contivesse contradições ou inconsistências porque dependente do *memory storage*. As ambiguidades e contradições estão presentes em qualquer forma de discurso, oral ou escrito, e isso não tem a menor importância. Portanto, de acordo com Halverson (1992: 307)

It is not clear, then, that the perception of anomalies in discourse is significantly enhanced by writing - though their verification undoubtedly is. Nor is it evident that formalization procedures are relevant strategies in either mode; or that comparisons are modally distinctive. Once again, cognitive structures and processes seem to be unaffected by writing<sup>27</sup>

Ainda mais incisivo é Halverson quando se trata de desconstruir o argumento de que o silogismo necessita de abstração e essa condição essencial do pensamento lógico só se torna possível no âmbito de uma cultura letrada. Isso significaria dizer que uma cultura oral não teria capacidade satisfatória de operar no nível abstrato. Abordamos, mais ou menos, esse ponto anteriormente, falando de Havelock. Halverson (1992: 304) sustenta que

Of course some words are more abstract than others, and no doubt a literate tradition generally has more such words than an oral one, but that is not the argument presented - nor should it be, for syllogisms do not require an abstract vocabulary. It is also difficult to believe that in oral societies words cannot be conceived as separate entities. Perhaps people in such societies are less word-conscious, but they can use words in isolation. (...) It must also be asked in what way writing enhances word-consciousness, especially when

most early writing, particularly Greek, did not separate words in the first place. What kind of independent life do written words have? True, much Greek thought was concerned with word meanings, but are we to suppose that no-one before Socrates ever asked the meaning of a word?<sup>28</sup>

O arcabouço teórico da tese do letramento é, evidentemente, mais amplo e percorre uma série de documentos históricos importantes no processo que se inicia com Homero e Hesíodo, representantes seminais da cultura oral, não-letrada, e culmina com a cultura fundamentalmente letrada dos fins do século V a.C. e invade o século seguinte com Platão, Aristóteles e os oradores atenienses. No meio do caminho há os filósofos jônicos, os historiadores e os tratados de medicina. Cada teórico da tese do letramento apropria-se em maior ou menor grau de aspectos dessa tese para aplicá-los em suas empresas pessoais. Portanto, não somente as fontes são vastas, mas o que se produziu sobre elas a partir daquela tese contém uma vastidão interminável.

Pelas precedentes considerações, observamos que a *literacy thesis* não é somente complexa e bastante abrangente, mas é ainda uma tese em construção.

Além do mais, para recuperar Halverson (1992:163):

His theories of Homer and Homeric language - ingenious and provocative though they may be - do not hold up under scrutiny. Nor do his generalizations about the requirements for "preserved language" or the emancipatory effects of the alphabet. (...) Whether alphabetic literacy had any significant causal role in the history of cognitive development remains **an open question**.<sup>29</sup> The claim that it was the sole, principal, or sufficient cause for the evolution of logical, abstract modes of thinking is without foundation.<sup>30</sup>

Thomas (2005: 5) considera que "os estudiosos tendem a ver a Grécia como uma sociedade letrada ou como uma sociedade oral segundo seus próprios interesses e gostos pessoais" e vai além ao afirmar que

Dada a complexidade do letramento e a escassez de indícios antigos detalhados, tudo o que podemos dizer com alguma **plausibilidade** é que **provavelmente** mais pessoas podiam ler do

28. Grifo nosso. "É claro que algumas palavras são mais abstratas do que outras e não resta dúvida de que uma tradição letrada apresenta tais palavras em maior ocorrência do que uma tradição oral, mas este não é um argumento apresentado e nem deveria sê-lo, pois silogismos não exigem vocabulário abstrato. Também é difícil de acreditar que em sociedades orais palavras não podem ser concebidas como entidades separadas. Talvez a população em tais sociedades seja menos consciente em relação à palavra, mas ela pode usá-las de maneira isolada (...) Deve também ser questionado de que modo a escrita aprimora a consciência em torno da palavra, especialmente quando a escrita, em seus primórdios, particularmente os Gregos, não separava as palavras, em primeiro lugar. Que tipo de vida independente as palavras escritas apresentam? É verdade que muito do pensamento grego estava relacionado aos significados das palavras, mas devemos supor que ninguém antes de Sócrates jamais perguntou o significado de uma palavra?" A tradução é nossa.

29. Grifo nosso.

30. "Suas teorias sobre Homero e a linguagem homérica, embora possam ser engenhosas e provocativas, não aguentam um escrutínio. Nem suas generalizações sobre as exigências da 'língua conservada' ou os efeitos emancipatórios do

alfabeto. (...) Se o letramento alfabético teve qualquer papel causal significativo na história do desenvolvimento cognitivo permanece uma questão aberta. A reivindicação de que ele foi o único, principal ou causa suficiente para os modos abstrato e lógico de pensamento não tem fundamento". A tradução é nossa.

31. Grifos nossos.

32. Thomas (2005: 16).

que escrever; a capacidade de ler ou escrever mensagens muito simples, geralmente em maiúsculas, provavelmente não era rara; e em cidades como Atenas, onde havia uma profusão de documentos democráticos, a maioria dos cidadãos tinha alguma capacidade básica, e talvez<sup>31</sup> a 'alfabetização fonética' fosse bem disseminada; mas os textos escritos de poesia e prosa literária certamente tinham um público restrito à elite altamente educada e seus escreventes.<sup>32</sup>

Trouxemos essa discussão para mostrar o caráter profundamente complexo do tema, uma linha teórica bastante incerta e, por vezes, contraditória, apesar de interessante. Mais do que isso, tentamos contrapor as ideias centrais da tese do letramento na antiga Grécia com o intuito de fomentar a discussão, pois a voz dissonante que Halverson representa não tem tido qualquer respaldo no âmbito dessa profícua discussão, seja por negligência ou desconhecimento. Embora sua forma de criticar contenha infiltrações de violência e até certo rancor, como quando identifica uma questão de credo em relação ao edifício teórico de Havelock e demais proponentes da tese do letramento, sem dúvida uma generalização infundada e uma atitude que ele mesmo condena nos teóricos dessa tese, não resta dúvida de que suas objeções levantam aspectos cruciais para a sobrevivência da *literacy thesis*.

As tentativas de induções por analogia encontram um obstáculo sério e sólido nas ideias de Halverson. Ainda que uma teoria sólida seja construída, o lapso temporal que separa as experiências linguísticas é muito grande e não teremos como avaliar o alcance exato dessa teoria. Entretanto, o exercício da desconstrução e a tentativa de invalidar um edifício teórico plausível são tarefas mais fáceis do que a tarefa de propor um plano analítico que suporte a construção de um conhecimento acerca das atividades de leitura e escrita na antiga Grécia que funcionaram como molas propulsoras de um desenvolvimento cognitivo supostamente ocorrido em determinado contexto histórico. Mas, enquanto as ideias de Halverson não forem trazidas e incorporadas à discussão sobre tudo aquilo que teria envolvido o letramento na Grécia antiga, teremos apenas nichos especializados em construir e desconstruir uma pesquisa de extrema relevância para os estudos linguísticos no âmbito da cultura grega antiga. A relevância desse estudo

é ainda maior porque, considerando que o modo de pensamento do ocidente é, em grande parte, desdobramento daquilo que se produziu na Grécia antiga, uma teoria antropológica mais consistente e sólida sobre a evolução das ideias, da língua e do modo de pensamento dos antigos contribuiria para entender, ainda que de maneira limitada, a nossa própria formação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIBSON, T. "Epilogue to Plato: The Bias of Literacy". In: *Proceedings of The Media Ecology Association*, vol. 6, 2005.

GOODY, J. and WATT, I. "The consequences of Literacy". In: *Comparative Studies in History and Society*, no.5, 1963, pp. 304-45.

GOODY, J. *The domestication of the savage mind*. Cambridge: University Press, 1977.

GOODY, J. *The interface between the Written and the Oral*. Cambridge: University Press, 1987.

HAVELOCK, E. *Preface to Plato*. Cambridge: University Press, 1983.

HAVELOCK, E. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Paz & Terra, 1994.

HALVERSON, J. "Havelock on Greek orality and Literacy". In: *Journal of the history of Ideas*. Pennsylvania: University Press, 1992, vol. 53, no. 1, pp. 148-163.

HALVERSON, J. "Goody and the implosion of the Literacy Thesis". In: *Man, new series*. Grã Bretanha e Irlanda: Royal Anthropological Institute, 1992, v. 27, n. 2, pp. 301-317.

KNOX, B. "Euripides". In: *Historia de la Literatura Griega*. Madrid: Catedra, 2000, pp. 349- 373.

LENTZ, T. *Orality and Literacy in Hellenic Greece*. Carbondale: Illinois, 1989.

MAIER, E. "Reported speech in the transition from orality to literacy: the case of ancient greek". In: *Text, transmission and reception*. Groningen: University Press, 2010.

McLuhan, M. *A Galáxia de Gutenberg*. Tradução de Leônidas G. de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1972.

OLIVEIRA, Flávio Ribeiro de. “Gesto e abstração: usos do verbo *gounoûmai* em Homero”. In: *Transformação: revista de Filosofia*, 2006, pp. 63-68.

OLSON, D. R. *The world on paper: The conceptual and cognitive implications of writing and reading*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1994.

ONG, W. J. *Orality & literacy: The technologizing of the word*. New York: Routledge, 1991.

PARRY, M. *The making of Homeric verse*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

PEREIRA, M. H. da ROCHA. “Fórmulas e epítetos na linguagem homérica”. In: *Alfa*. São Paulo, 1984, n. 28, pp. 1-9.

ROBB, K. (Ed.). *Language and Thought in Early Greek Philosophy*. La Salle: Illinois, 1983.

ROBB, K. *Literacy and Paidéia in ancient Greece*. New York: Oxford University Press, 1994.

SVENBRO, J. *Phrasikleia: an anthropology of reading in Ancient Greece*. New York: Cornell University Press, 1993.

THOMAS, R. *Oral tradition and Written Record in Classical Athens*. Cambridge: University Press, 1989.

THOMAS, R. *Letramento e oralidade na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus, 2005.

VERNANT, J.-P. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de H. Sarian. São Paulo: Difel, 1973.

VIEIRA, T. “Homero e a tradição oral”. In: *Revista Usp*. São Paulo, 1992, no. 12, pp. 161-71.

YUNIS, H. (ed.). *Written texts and the rise of literature culture in Ancient Greece*. Cambridge: University Press, 2003.

Enviado em novembro de 2013

Aprovado em junho de 2014